

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM-FACL
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

NAIZA SENA DE VILHENA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A FORMAÇÃO DE CRENÇAS

ABAETETUBA-PA

2019

NAIZA SENA DE VILHENA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A FORMAÇÃO DE CRENÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^ª. Msc. Rejane Santos Nonato

ABAETETUBA-PA

2019

NAIZA SENA DE VILHENA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A FORMAÇÃO DE CRENÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^ª. Msc. Rejane Santos Nonato

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Msc^a Rejane Santos Nonato
Orientadora

Prof^ª. Dr^a Raimunda Dias Duarte
Avaliadora

Prof. Msc^a Silvany Santana de Oliveira Costa
Avaliadora

CONCEITO ATRIBUÍDO: _____

DATA: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado saúde, força e coragem para chegar ao final de mais essa grande etapa de minha vida.

Agradeço as minhas mães queridas Maria de Nazaré e Vilma Vilhena, pelo incentivo, carinho, paciência e por terem me dado forças para chegar até aqui. Ao meu pai José Gomes, meu exemplo de vida, meu ídolo, exemplo de homem honesto e trabalhador, por ter proporcionado mais uma conquista em minha vida.

Ao meu noivo Alessandro Alcântara, que sempre estava ao meu lado em todos os momentos, que me ouviu, me ajudou que acima de tudo me incentivou, por me acalantar nos dias de angústia e permaneceu no meu lado durante toda essa caminhada.

Aos meus irmãos, primos e primas, tios e tias, que de forma direta e indireta me deram todo o apoio do mundo e por me incentivarem a conquistar mais essa etapa de minha.

Quero agradecer também à minha professora orientadora, Rejane Nonato, que durante todo o processo de orientação teve paciência e sabedoria para me orientar da melhor forma possível, motivando-me a cada instante, concedendo incentivos necessários para a realização desse trabalho.

Aos meus amigos do IFPA que vibraram por mim com minha aprovação no vestibular e mesmo após o término do curso conseguimos manter firme nossos laços de amizade. Obrigada Alessandra, Yasmin, Sheila, Andréa, Ana Carolina, Davi Cardoso, David Ferreira e Vicente Silva.

Agradeço também a todos os companheiros e amigos de curso, mas em especial a minha amiga Gleice Hellem por todo apoio, paciência e dedicação em me ajudar durante nossa longa jornada acadêmica. Agradeço também a grande amiga Michaelly Menezes que foi a primeira pessoa que tive contato no curso e permanecemos juntas até o final. Agradeço ao meu amigo Robledo Cardoso, uma pessoa que tem um grande coração e que durante esses longos quatro anos juntos vivemos e trocamos muitas experiências. A minha querida Valéria Valadares pelo incentivo, carinho e amizade. Agradeço a minha amiga confidente Gabriela Rodrigues, pelos conselhos e pelo incentivo. Ao amigo Wingleddy Pursel, um ser humano dono de um grande coração que não mede esforços para ajudar o seu próximo, que alegrou a maioria das minhas manhãs.

Meu muito obrigada a todos vocês.

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de investigar a influência do preconceito linguístico na formação de crenças sobre aprender português. Essa pesquisa foi realizada com cinco alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada, organizada a partir de 10 perguntas relacionadas aos objetivos específicos que buscam investigar a origem social dos alunos, as dificuldades encontradas na disciplina Língua Portuguesa, para evidenciar possíveis crenças a respeito da disciplina e a manifestação de preconceito linguístico no ambiente escolar e familiar. Como aporte teórico, este trabalho está baseado em preceitos de Bagno (2003, 2007, 2009, 2014, 2015), Barcelos (2012,2013), Botassini (2013, 2015) e Possenti (1997, 2010). Os dados revelam que os alunos com maior dificuldade em Língua Portuguesa pertencem à classe social baixa, o que consequentemente os distancia da língua padrão ensinada pela escola e justifica maior dificuldade na leitura e na escrita. Identificou-se também a crença de que saber português está relacionado ao domínio e conhecimento das regras gramaticais. Os resultados revelam ainda que todos os alunos já sofreram preconceito linguístico, tanto no ambiente escolar como no familiar. No entanto, esses alunos não têm a percepção de que estão sofrendo discriminação por conta de seu modo de falar.

Palavras-chave: Ensino de português, Preconceito Linguístico, Crenças internalizadas.

ABSTRACT

The present work was developed with the objective of investigating the influence of linguistic prejudice in the formation of beliefs about learning Portuguese. This research was carried out with five students from the 7th year of Elementary School. The instrument used was a semistructured interview, organized from 10 questions related to the specific objectives that seek to investigate the social origin of the students, to the difficulties found in the Portuguese Language discipline, to highlight possible beliefs about the discipline and the manifestation of linguistic prejudice in the school and family environment. As a theoretical contribution, this work is based on the precepts of Bagno (2003, 2007, 2009, 2014, 2015), Barcelos (2007), Botassini (2013, 2015) and Possenti (1997, 2010). The data reveal that the students with the greatest difficulty in Portuguese Language belong to the lower social class, which consequently distances them from the standard language taught by the school and justifies greater difficulty in reading and writing. It was also identified the belief that knowing Portuguese is related to the domain and knowledge of grammatical rules. The results also reveal that all students have already suffered linguistic prejudice, both in the school environment and in the family environment. However, these students do not have the perception that they are suffering discrimination because of their way of speaking.

Keywords: Portuguese language teaching, Linguistic Prejudice, Internalized beliefs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 VARIAÇÃO LINGUISTICA	10
2 PRECONCEITO LINGUISTICO	15
3 CRENÇAS	18
4 METODOLOGIA	21
4.1 Abordagem e método de pesquisa	21
4.2 Objetivos e perguntas de pesquisa	21
4.3 O <i>corpus</i> de pesquisa	22
4.4 Participantes da pesquisa	22
4.5 Instrumentos da coleta de dados	22
4.6 Procedimentos de análise	23
5 ANÁLISE DOS DADOS	24
5.1 Origem social dos alunos	24
5.2 Dificuldades na disciplina Língua Portuguesa	26
5.3 Crenças relacionadas ao ensino da Língua Portuguesa	29
5.4 Preconceito linguístico e discriminação	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICES	39

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o preconceito linguístico mostram que ele se manifesta nas mais diversas formas, pois à medida que a sociedade evolui, a língua evolui com ela. Sabe-se que no Brasil, atualmente, esse preconceito vem se tornando uma prática bastante comum na sociedade, devido à vasta extensão do nosso país, bem como os diversos costumes e culturas diferentes. É comum ocorrer o preconceito linguístico entre um estado e outro ou até mesmo dentro de um estado no qual o preconceito em relação à linguagem parte de um indivíduo que mora na capital sobre aquele que mora no interior.

No que concerne aos estudos do fenômeno “variação linguística”, sabe-se que ela se manifesta em todas as línguas do mundo e esse fenômeno ocorre porque os indivíduos exercem uma grande influência sobre o seu idioma podendo modificar o seu aspecto tanto na forma oral quanto na forma escrita (NUNES, 2010). Esse fator depende da condição geográfica e do contexto social e cultural do indivíduo, isto é, as variações podem ser justificadas de acordo com a comunidade na qual ela se manifesta.

O preconceito linguístico é uma realidade que se faz muito presente em nossa sociedade que, de certa forma, reflete nas escolas do nosso país. O problema da pesquisa é saber qual a relação entre o preconceito linguístico e a formação de crenças. Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral investigar a influência do preconceito linguístico na formação de crenças sobre aprender português e como objetivos específicos identificar a origem social dos alunos, apontar as principais dificuldades que os alunos têm em relação à disciplina Língua Portuguesa, identificar a existência de crenças em relação à disciplina e investigar em que ambiente os alunos sofreram preconceito linguístico por falarem uma variante menos prestigiada, segundo a sociedade. O método utilizado na pesquisa designa-se como estudo de caso, que concerne em uma pesquisa ampla permitindo o conhecimento detalhado da temática a ser abordada. A fim de alcançar os objetivos, este trabalho está organizado em cinco capítulos.

O primeiro capítulo irá abordar sobre o tema variação linguística que é um fenômeno natural em que a língua se diferencia dentro do seu próprio sistema e essas variações podem ocorrer de diversas formas, pois está ligada diretamente ao uso do idioma em que os seus próprios falantes podem alterar o modo de falar e escrever, sendo assim, as variações linguísticas surgiram por meio de fatores sociais, históricos, culturais e geográficos.

O segundo capítulo aborda sobre o preconceito linguístico, o qual discorre que no Brasil, o preconceito linguístico é muito evidente e em virtude disso, faz-se importante

entender que existem diversas variantes em nossa língua e que, oralmente, não existe falares errado, e sim diferente. E por preconceito linguístico, entende-se como qualquer forma de julgamento e desvalorização contra o modo de falar de alguém, isto é, a realização desse preconceito se dá quando negamos as variedades da fala que estão presentes nos mais variados espaços sejam eles geográficos ou sociais.

O terceiro capítulo aborda sobre os principais conceitos de crenças, pois são diversas as áreas de conhecimento que estudam sobre a temática de crenças, sendo assim, são muitos os conceitos, as definições e os sentidos atribuídos para referirem-se a crenças. O filósofo Charles S. Peirce definiu crenças como “ideias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar” (PIERCE, 1877/1958, p. 91). Através desse e de outros conceitos, observa-se que as crenças sobre a língua também são alojadas na mente das pessoas, tal como a que só existe uma forma correta de falar.

O quarto capítulo é composto pela metodologia do trabalho, a qual está dividida em abordagem e método da pesquisa, seguido do corpus da pesquisa, participantes da pesquisa, instrumento de coleta de dados e procedimentos de análises e os procedimentos metodológicos realizados na pesquisa.

No quinto capítulo é apresentado o resultado da análise e por fim expõe-se as considerações a respeito do trabalho e a da análise

1 VARIAÇÃO LINGUISTICA

O português falado no Brasil apresenta diversas variedades linguísticas, as quais são resultado das diferenças sociais materializadas na língua através da história e da grande área demográfica que o país ocupa. Em sociolinguística, essas variações acontecem porque a língua reflete a sociedade e assim como a sociedade apresenta transformações, a língua também. Em virtude disso, é compreensível que os falantes façam mudanças e rearranjos de acordo com suas necessidades de comunicação, isto é, vivemos em uma sociedade bastante complexa, na qual estão inseridos diferentes grupos sociais que estão constantemente em interação (RIBEIRO, 2014).

O termo variação linguística vem sendo empregado desde a década de 1960, década esta em que também se deu o surgimento da Sociolinguística variacionista nos Estados Unidos, a partir dos estudos de Labov. A Sociolinguística tem por finalidade estudar as mudanças e variações existentes na língua, relacionadas ao tempo, espaço. Também se baseia na situação social em que o indivíduo se encontra.

Em seu livro ‘A Língua de Eulália’, a respeito da variação linguística, Bagno (2014) ressalta que:

a variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino da língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes... (BAGNO, 2014, p. 214)

Para o autor, a variação linguística não deve ser considerada somente como objeto, mas também como objetivo no ensino da língua. O Autor ainda enfatiza que para se ter uma educação linguística que seja voltada para a cidadania, não se pode desconsiderar que os diferentes modos de falar de diferentes regiões são elementos de grande importância e que fazem parte da identidade cultural, tanto dos indivíduos como de comunidades de modo geral e que difamar, isto é, criticar ou caluniar uma variedade linguística ou falante, é o mesmo que afirmar que aqueles que a falam não têm conhecimentos, ou seja, não são inteligentes.

Outro autor que aborda sobre variação linguística é Possenti (2010). Sobre ela o autor afirma:

“E a variedade linguística, está entre variedades as mais funcionais que existem. Podemos pensar na variação como fonte de recursos alternativos: quanto mais numerosos forem, mais expressiva pode ser a linguagem. Numa língua uniforme talvez fosse possível pensar, dar ordens e instruções. Mas, e a poesia? E o humor?” (POSSENTI, 2010, p. 36)

Já para Labov (1983), a variação existe em todas as línguas naturais humanas é inerente ao sistema linguístico ocorre na fala de uma mesma pessoa. Isto significa que a variação sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando falamos em Língua Portuguesa estamos falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.

Segundo Dubois, (1983, p. 609) “chama-se variação o fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social”. Assim, de acordo com o autor, pode-se afirmar que todas as línguas variam, isto é, todas elas apresentam variedades devido às grandes mudanças que ocorrem com o passar do tempo e que uma língua não será idêntica ou igual ao que ela foi à outra época e essa mudança ocorre por diversos fatores, não só em decorrência do tempo, mas também por fatores sociais, geográficos.

A variação linguística é um fenômeno que acontece nas mais diferentes formas de usos da língua, a qual leva em consideração a idade do falante, o grau de escolaridade, sua localização geográfica entre outros fatores. Esta pode sofrer diversas alterações feitas através de seus falantes, como por exemplo, é evidente que o português falado no norte do Brasil é diferente do português falado no sul do país.

Sobre a variação linguística, Cunha e Cintra (1985, p. 3) apresentam algumas formas das variações com base nas diferenças classificadas por eles como diferenças internas, sendo elas:

- 1º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falaes locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);
- 2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁSTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);
- 3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.) (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 3).

Segundo Alkmim (2001 p. 34) “a variação geográfica ou diatópica está relacionado às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”. De acordo com a autora, a maneira de falar é uma característica de cada região brasileira, isto é, cada uma delas apresenta seus respectivos dialetos e estes são notáveis, sejam eles na linguagem urbana ou na linguagem rural.

Como exemplo de variação geográfica pode-se citar as diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática que a língua portuguesa assume nas regiões em que ela é falada. As diferentes formas de variação geográfica podem ser identificadas e definidas de

forma regional, local e até mesmo em um determinado grupo essas variações geográficas são identificadas facilmente no dia a dia, como exemplo as falas diversificadas que se diferem umas das outras e também na escrita. Ex.: A ‘abóbora’ que conhecemos no sudeste é chamada de ‘jerimum’ no nordeste brasileiro pela influência indígena, assim como a ‘mandioca’, que pode ser encontrada como ‘aipim’ ou ‘macaxeira’, dependendo de cada região do país.

Variações diastráticas são aquelas que ocorrem em virtude da convivência entre os grupos sociais como exemplo disso, pode-se citar a linguagem dos advogados, dos juízes, entre outras. Um exemplo bastante comum são as gírias que são expressões populares de um determinado grupo social as mesmas são mais presentes e comuns em diálogos entre jovens e adolescentes. Outro exemplo são os jargões que fazem parte do linguajar usado em um grupo específico, podendo ele ser profissional, social ou até mesmo cultural.

Sobre os aspectos sociais ou diastráticos, Alkmim (2001) enfatiza que:

Relacionam um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social; a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (ALKMIM, 2001, p. 35).

A classe social do falante é um fator de grande importância para a compreensão da variação linguística, pois as diferentes classes sociais utilizam diferentes formas de falar. É comum, por exemplo, que pessoas pertencentes a classes consideradas altas façam maior uso da forma culta da língua que pessoas de classes consideradas baixas.

A idade do falante é outro fator de muita importância para os estudos da variação linguística. Pessoas de idades diferentes aprenderam a falar em épocas diferentes e por isso apresentam modos distintos de fala este fator se reflete na variação. Essa variação é bastante evidente quando pessoas mais velhas falam palavras antigas, algumas não são usadas e outras, com a escrita e pronunciam diferentes, mas com o mesmo significado, existindo outras que mudaram de significado.

O fator idade nesse contexto relaciona-se com o conceito de mudança em tempo aparente que para Labov (1994), esse tipo de mudança refere-se à predominância de uma das variantes nos grupos mais jovens. Esse estudo permite verificar os diversos tipos de padrões de comportamento linguístico, em diferentes grupos etários, em um determinado espaço de tempo, ou seja, essa mudança é observada através dos estudos do comportamento linguístico de indivíduos que pertencem a diferentes gerações em um dado período de tempo.

O sexo é outro fator relevante para a variação linguística, em que, homens e mulheres, ao desempenharem papéis diferentes na sociedade, possuem modos de falar distintos sobre

isso Labov (1990, p. 205) diz que “Na estratificação sociolinguística estável, os homens usam a norma não padrão em uma frequência maior do que as mulheres”. Outro fator observado é que mulheres costumam com frequência pronunciar algumas palavras no grau diminutivo, já os homens pronunciam muito palavras no grau aumentativo.

As variações diafásicas são aquelas que dependem do contexto comunicativo, ou seja, a ocasião é que determina a maneira como o locutor se dirigirá ao seu interlocutor, se de modo formal ou informal (SILVA, 2016). A linguagem formal ou culta, leva em consideração as normas da língua, a mesma pode ser empregada quando não há familiaridade ou intimidade entre os ouvintes diante da comunicação ou em situações que necessitam de maior formalidade. Já a linguagem informal é usada quando há familiaridade entre os ouvintes da comunicação ou em situações descontraídas (NEVES, 2007).

O contexto ou situação social dos falantes determina o modo como eles utilizam seu idioma e as variações ocorrem de acordo com o processo comunicativo, pois há momentos em que o falante irá utilizar uma fala mais formal, que é aquela utilizada por pessoas com maior prestígio social, e em outros momentos irá utilizar a fala informal, dependendo do contexto ou situação em que se encontra.

Conforme classificação de Camacho (1978), a variação diafásica está ligada, diretamente, ao estilo mais ou menos formal, mais ou menos informal, de um mesmo indivíduo, adequando cada estilo ao seu interlocutor e ao contexto situacional ao qual o falante esteja inserido. Portanto, essa variação vai ocorrer de acordo com o modo ou forma como nos expressamos, dependendo da situação de comunicação em que uma conversa vai ocorrer, seja ela informal, uma entrevista de emprego, conversa com autoridades, etc.

Outro tipo de variação são as históricas (ou diacrônica) que é o estudo da evolução, das transformações estruturais de uma língua, ao longo do tempo e por diferentes povos, desta forma a variação diacrônica:

refere-se à existência de pelo menos dois estados sucessivos de uma língua. Quer dizer, uma palavra passa a ser utilizada pelos seus falantes em detrimento de outra. Uma variante que não era padrão pode passar a ser em lugar de outra já estabelecida, tudo pelo uso. Uma cai em desuso e a outra permanece ou ambas podem conviver, no mesmo plano temporal, sendo que a em desuso passa a ser perpetuada por um grupo menor de falantes, geralmente de idade mais avançada. (QUEIROZ, 1997, p. 103).

Por variação histórica, entende-se que a mesma varia de acordo com as diferentes épocas vividas pelos falantes, nesse tipo de variação é possível distinguir o português arcaico do português moderno, bem como diversas palavras que ficam em desuso. Essa variação tem

como característica a mudança na maneira de escrever de algumas palavras, bem como no seu significado e até mesmo no emprego delas.

Essa variação pode ser observada a partir das palavras que deixaram de ser utilizadas ou escritas com o passar do tempo, através do vocabulário próprio entre as diferentes faixas de idade, pois uma pessoa nascida há décadas, tem um vocabulário diferente de pessoas nascidas em décadas recentes. Diante dessas questões, torna-se importante entender o quanto a língua está em um fluxo constante de variação, pois ela é um elemento vivo, que sofre modificações e inovações no decorrer do tempo por diversos fatores.

Notadamente, os estudos sobre a variação linguística são de suma importância, pois esse assunto faz parte de um contexto geográfico, histórico e sociocultural no qual os falantes estão interligados entre si, e em alguns casos ocorrem variações, e estas são apontadas como “erros linguísticos”, levando dessa forma ao preconceito linguístico, assunto este que será delimitado a seguir.

2 PRECONCEITO LINGUISTICO

Na sociedade atual é frequente o uso do vocábulo ‘preconceito’, que é a discriminação que existe entre os falantes de uma mesma língua, que possuem sotaques diferentes, gírias, isto é, as diferenças linguísticas de um determinado grupo, o qual se encontra acompanhado de vários outros termos e faz menção as diferentes formas de manifestação do preconceito entre os seres humanos. Com grande frequência presenciamos quase que diariamente as inúmeras práticas de preconceito em nossa sociedade, dentre elas racial, religioso, sexual, de gênero, preconceito físico, entre outros e dentre esses preconceitos há o preconceito linguístico.

Sobre o preconceito linguístico, Bagno (2015, p. 64) faz a seguinte observação:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerado, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente” (BAGNO, 2015, p. 64).

Para o autor, o preconceito linguístico é baseado na crença de que existe apenas uma única língua portuguesa que é o objeto de estudo nas aulas de português, descrita nas gramáticas e nos dicionários. O autor ainda frisa que qualquer manifestação que fuja desse direcionamento é considerada feia, errada.

De acordo com Bagno (2007),

Quanto mais alta estiver a pessoa na escala sócio econômica, maior será o prestígio atribuído a sua maneira de falar. Do mesmo modo, e inversamente, o maior prestígio social de determinados falantes vai ser correlato da visão pejorativa e depreciativa com que seu modo de falar será avaliado (BAGNO, 2007, p. 76 -77).

O prestígio atribuído a uma pessoa sobre sua maneira de falar se dá por meio da escala socioeconômica em que ela se enquadra, isto é, quanto mais alta ela estiver na escala socioeconômica, o prestígio atribuído a ela sobre sua maneira de falar será maior do mesmo modo e de forma inversa o maior prestígio social também terá uma relação com a visão de desprezo e por meio deste a forma ou modo de falar será avaliado.

Ainda sobre o preconceito linguístico entre as camadas sociais, Bagno (2009) afirma:

Que o preconceito linguístico no Brasil se exerce em duas direções: de dentro da elite para fora dela, contra os que não pertencem as camadas sociais privilegiadas; e de dentro da elite para ao redor de si mesma, contra seus próprios membros. Isso porque, como já disse, existe na mentalidade dos brasileiros em geral, e dos falantes urbanos escolarizados em articular, a convicção muito arraigada de que no Brasil ninguém fala bem o português (BAGNO, 2009 p. 21).

De acordo com a citação acima, a origem do preconceito linguístico é atribuída à confusão criada entre língua e gramática normativa, ou seja, a realização desse preconceito se dá quando a sociedade, de modo geral, nega a variedade da fala que está presente nos mais variados espaços, geográfico e nas diversas classes sociais.

A respeito dessa confusão, o autor afirma:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. (BAGNO, 2007 p. 20)

O ensino tradicional da língua portuguesa anda entrelaçado à gramática normativa, sobre isso, o autor afirma que essa confusão deve ser desfeita com urgência, pois a gramática normativa não é a língua. Outro ponto abordado pelo autor é o fato de a gramática tradicional desprezar os fenômenos da língua oral, impondo a rigidez da sua norma culta como se ela fosse a única forma correta de falar e escrever.

Sobre a gramática tradicional, Bagno (2007) afirma:

Além de ser anacrônica como teoria linguística, a Gramática Tradicional também se constitui com base em preconceitos sociais que revelam o tipo de sociedade em que ela surgiu – preconceitos que vem sendo sistematicamente denunciados e combatidos desde o início da era moderna e mais enfaticamente nos últimos cem anos (BAGNO, 2007, p. 67).

De acordo com a citação do autor, o preconceito linguístico existe desde o início da era moderna e ele vem sendo combatido há muitos anos e a Gramática Normativa se constituiu com base nos preconceitos sociais, revelando dessa forma a partir de que sociedade ela surgiu.

Em entrevista, Scherre (*apud* ABRAÇADO, 2008) fala a respeito das questões relacionadas ao preconceito linguístico, variação e ensino. Em relação ao preconceito linguístico, ela sugere a seguinte definição: “[...] o preconceito linguístico é mais precisamente o julgamento depreciativo, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro [...]. O preconceito linguístico tem a ver, essencialmente, com a língua falada” (SCHERRE *apud* ABRAÇADO, 2008, p. 12).

Diante da fala da autora, afirma-se que o preconceito linguístico não possui tanta ocorrência nas questões escritas, isso porque ele se manifesta frequentemente nas práticas de oralidade, pois durante uma conversa não se tem um monitoramento, como ocorre nas práticas escritas, em que estas são realizadas de maneira policiada e com mais formalidade, cujo objetivo é chegar o mais próximo possível da norma padrão (MACIEL, 2014)

A respeito do reconhecimento e da aceitação da existência das variações, Sírío Possenti (1996, p. 29) afirma que “O preconceito é mais grave e profundo no que se refere as variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Deve-se aceitar que os outros falam diferente.” Para o autor, o reconhecimento da existência das variações pelos que cometem o ato do preconceito linguístico seria de fundamental importância para que a prática seja amenizada, pois em todos os lugares encontramos variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, pois a língua é baseada na realidade social do falante. Porém, os grupos de falantes prestigiados tendem a julgar falantes da norma não padrão, considerando essa diferença como errada e inadequada.

Sobre o preconceito linguístico na sociedade, Bagno (2015) cita os meios pelos quais esse preconceito é alimentado e afirma:

“ (...) o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, dos instrumentos tradicionais de ensino da língua: as gramáticas normativas e parte dos livros didáticos disponíveis no mercado” (BAGNO, 2015, p. 21-22)

Bagno (2015) defende a ideia de que não existe uma forma “certa” ou “errada” de usos da língua. Em virtude disso, o autor assegura que esse tal erro, que tanto aterroriza, na realidade não existe, pois em sua opinião o que há, são variedades do português, como aquele que é falado no interior ou aquele falado por alguém que estudou e mora na capital.

O preconceito linguístico se propaga, atualmente, pelos meios de comunicação: jornais, rádios, revistas, internet entre outros, que todos os dias, alimentam a concepção de que há uma única forma correta de falar, ou seja, a norma padrão é tratada e considerada como a única variedade correta e a única a ser seguida, sendo desprezadas as demais variedades.

O preconceito linguístico é um assunto que merece ser discutido de forma mais ampla, pois se faz necessário compreender que ele é uma prática que deve ser eliminada afinal, o que existe são crenças empregadas dentro da linguística. Em vista disso, no tópico a seguir será delimitado de forma mais ampla sobre o que se referem as crenças.

3 CRENÇAS

Diversas são as áreas de conhecimento que estudam sobre a temática das crenças, dentre elas, destacam-se Filosofia, Teologia, História, Psicologia, Educação, Sociologia, Linguística, Sociolinguística e outras. Em virtude disso, acaba sendo complexo definir “crenças”, já que cada área possui um objeto de estudo diferente ou, ao menos, parcialmente diferente. Sendo assim, são muitos os termos, os conceitos, as definições e os sentidos atribuídos para referirem-se a crenças (BOTASSINI, 2015).

A relevância dos estudos das crenças e atitudes linguísticas não é recente. De acordo com Porely, Yida, Aguilera (2010), os estudos relacionados às crenças nasceram por meio das pesquisas em psicologia social no período de 1960 devido à necessidade de avaliar questões relacionadas a diversos fatores, tais como sociais e linguísticos. Esses autores destacam que o pesquisador Wallace Lambert foi um dos primeiros a dedicar-se ao estudo de crenças, mas especialmente ao tema da psicologia da linguagem.

Corbari (2012) afirma que os estudos iniciais a respeito das crenças e atitudes linguísticas pertencem à área de Psicologia Social, mas atualmente outras áreas contribuem para as investigações. Além disso, esses estudos revelam os papéis exercidos pelos motivos, crenças e identidade no comportamento linguístico.

Charles S. Peirce, filósofo americano, definiu crenças como “ideias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar” (1877/1958, p. 91). De acordo com a definição do filósofo, as crenças são como ideias ou pensamentos que se alojam na mente das pessoas, e esses pensamentos passam a se tornar uma verdade, bem como os hábitos e costumes populares.

Segundo Barcelos (2013), as crenças não são somente um conceito cognitivo. Elas também são sociais, porque nascem das experiências e problemas vividos, da interação com o contexto e da capacidade de refletir e pensar sobre o que cerca a sociedade. De acordo com a ideia, as crenças nascem e fazem parte do contexto social, das experiências e do modo como refletimos sobre fatos e acontecimentos do cotidiano.

Pode-se também conceituar crenças a partir da concepção de Labov (2008 [1972], p. 176), como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”. Segundo a concepção do autor, as crenças são atitudes que ocorrem de forma semelhante diante a linguagem e que são compartilhadas entre a maioria dos falantes de uma comunidade.

Sobre crenças e atitudes, pode-se dizer que as duas categorias podem e devem se complementar, haja vista que as crenças “[...] determinam o comportamento dos indivíduos, no sentido de que são elas que detêm os valores, os julgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros, sobre o mundo e sobre si mesma.” (BOTASSINI, 2013, p.56).

Para Santos (1996), atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento ou propósito. Tomando atitude como manifestação, expressão de opinião ou sentimento, as reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestariam convicções íntimas, ou seja, as crenças em relação a essas pessoas, situações ou coisas.

Barcelos (2007) entende crenças como uma forma de pensamento, como construções de realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, construídas em experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re) significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. Nesta perspectiva, vemos que as crenças não são apenas sociais, podendo também ser individuais e contextuais, que fazem parte do modo de pensar e da forma como o ser humano ver e interpreta o mundo.

Yero (2010) define crença como “[...] julgamentos e avaliações que fazemos sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo que nos rodeia.” (YERO, 2010, p. 28). A autora argumenta, que as crenças não apenas afetam a forma como as pessoas se comportam, mas também o que elas percebem em seu ambiente. Já para Santos (1996), crença seria uma convicção íntima uma opinião que se adota com fé e certeza, ou seja, é algo firme que as pessoas acreditam existir.

Estudos têm considerado as crenças dentro da área da cognição, na qual a mesma se constitui na interação social, moldada por processos culturais e sociopolíticos. A esse respeito, afirma Barcelos (2012, p. 17): “[...] a concepção atual de cognição incorpora muitos outros componentes da vida mental humana, tais como capacidade simbólica, o eu, a vontade, crenças e desejo.”

Em relação ao ensino da Língua Portuguesa nas escolas, é de grande importância aplicar formas que acarretem nas mudanças em relação a crenças linguísticas que tem se mostrado resistentes, como a de que “português é difícil” e para que isso ocorra, o professor de Língua Portuguesa deve ter como parâmetro de ensino uma concepção que privilegie o aprimoramento da língua materna, a história, o sujeito e o contexto, deixando de ser somente o repasse de regras ou mera nomenclatura da gramática tradicional, para oportunizar

atividades escolares mais próximas das práticas sociais letradas e cidadãs (SILVA, BOTASSINI, 2015)

São diversas as crenças existentes sobre a língua portuguesa, dentre elas destaca-se a ideia que existe uma única forma correta de falar o português e escreve-lo, logo essas são as crenças que antecedem e dão espaço para a prática do preconceito linguístico em nossa sociedade, prática essa que vem se tornando frequente e que ocorre em decorrência das crenças linguísticas.

Neste trabalho foi abordado a respeito da variação, preconceito e crenças estabelecidos pela sociedade para tratar sobre essas áreas de fundamental relevância no campo da língua portuguesa, faz-se necessário delimitar como foi realizada a parte metodológica dessa pesquisa, a qual foi arquitetada em cima desses tópicos apresentados.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a abordagem e o método de pesquisa, bem como o *corpus* de pesquisa e os procedimentos de análise.

4.1 Abordagem e método de pesquisa:

Este estudo é resultado de uma pesquisa qualitativa que utiliza como método o estudo de caso, que consiste em uma forma de aprofundar uma unidade individual que visa responder alguns questionamentos que o pesquisador faz sobre o fenômeno estudado. Segundo Yin (2001, p.32): “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois parte deste trabalho, é constituído de análise e compreensão, encaixando-se em um estudo de caso por investigar fenômenos do cotidiano e da vida real, neste caso, a influência do preconceito linguístico na formação de crenças.

4.2 Objetivos e perguntas de pesquisa

Objetivos de pesquisa:

Identificar a origem social dos alunos;

Apontar as principais dificuldades encontradas na disciplina Língua Portuguesa;

Identificar a existência de crenças em relação à disciplina;

Investigar em que ambiente os alunos sofreram preconceito linguístico por falarem uma variante menos prestigiada.

De acordo com os objetivos, foram formuladas as perguntas de pesquisa que serão respondidas de acordo com as análises:

Qual a origem social dos informantes da pesquisa?

Quais as dificuldades encontradas na disciplina Língua Portuguesa?

Quais são as possíveis crenças a respeito da disciplina os alunos têm internalizado?

Qual ambiente os alunos sofreram preconceito linguístico por falarem uma variante menos prestigiada?

4.3 O *corpus* de pesquisa:

O *corpus* desse estudo é constituído das respostas dadas a uma entrevista realizada com cinco alunos do 7º ano do ensino fundamental.

4.4 Participantes da pesquisa:

São participantes dessa pesquisa alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da escola estadual E.R.C. Cristo Redentor, localizada no município de Abaetetuba - PA a escolha da escola se deu pelo fato dela ser localizada em um bairro periférico do município e por receber alunos de bairros próximos ao prédio escolar e de outras localidades como estradas, vilas e etc, é grande importância observar a realidade escolar desses alunos de perto e por carregarem uma variedade linguística rica que foi de suma relevância, pois forneceram dados que enriqueceram minha pesquisa.

Com o apoio do professor de língua portuguesa, foram selecionados cinco alunos com idade entre 13 e 15 anos, todos do sexo masculino, que residem em bairros próximos à escola. Um critério importante para a escolha dos alunos que foram entrevistados foi à questão do rendimento deles na disciplina foi solicitado ao professor que indicassem apenas os alunos com baixo rendimento na disciplina Língua Portuguesa, pois se acredita que a existência das crenças está associada às dificuldades que eles têm na disciplina.

A escolha do 7º ano do ensino fundamental se deu pelo fato de que os alunos estão na etapa de construção mais ampla sobre conhecimentos gramaticais, entrando em uma fase mais ampla e abrangente da disciplina Língua Portuguesa.

4.5 Instrumentos da coleta de dados

Para obtenção dos dados, foram realizadas entrevistas com alunos que apresentam um baixo rendimento na disciplina de Língua Portuguesa, as perguntas foram referentes ao uso da língua em suas interações orais no dia a dia, as perguntas foram voltadas diretamente para o preconceito linguístico sofrido pelos alunos na escola e sobre o ensino do português através da gramática normativa.

O processo da pesquisa se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, cujo objetivo foi coletar dados a respeito do meio social em que os alunos entrevistados residem, sobre as dificuldades relacionadas à disciplina Língua Portuguesa, possíveis crenças a respeito da aprendizagem da língua materna e dados sobre formas de discriminação que estes alunos sofrem pelo fato de falarem de uma maneira diferente da norma considerada padrão.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto. Trata-se de uma conversação efetuada face-a-face de maneira metódica (MARCONI; LAKATOS, 2010)

Ainda relacionado ao que seja entrevista MARCONI, LAKATOS (2010) atribuiu que:

É um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI, LAKATOS, 2010, p. 195).

As entrevistas foram feitas de forma aleatória, isto é, de acordo com a disposição de cada aluno. Eles responderam as perguntas de acordo com o entendimento deles, os questionamentos foram simples e diretos, para que houvesse entendimento da melhor forma possível. No total, foram 10 perguntas relacionadas ao meio social em que vivem, à disciplina língua portuguesa as dificuldades deles na aprendizagem desta e as perguntas sobre preconceitos que eles sofrem pelo fato de falarem de uma maneira diferente da norma considerada padrão da língua portuguesa.

4.6 Procedimentos de análise

Os procedimentos de análise ocorreram a partir da transcrição das entrevistas para poder analisar cautelosamente as falas dos alunos. (As transcrições encontram-se em apêndice). Mediante as transcrições, busquei identificar a origem social dos alunos; em seguida, mapeei as dificuldades encontradas na disciplina Língua Portuguesa logo depois analisei as possíveis crenças a respeito da disciplina e por fim busquei verificar se os alunos sofreram preconceito linguístico no ambiente escolar e familiar por falarem uma variante menos prestigiada.

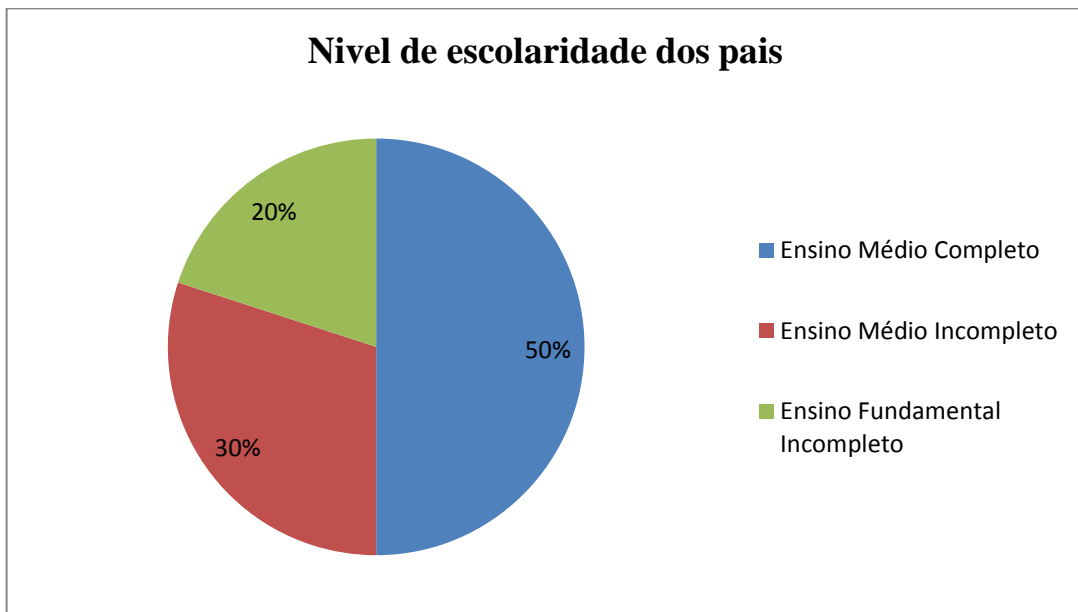
5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Origem social dos alunos

O primeiro objetivo específico proposto desse trabalho foi identificar a origem social dos alunos entrevistados para chegar a ele, as perguntas foram voltadas para identificar o bairro em que residiam, nível de escolaridade dos pais e profissão. De acordo com os dados, identificou-se que a maioria dos alunos é da zona urbana do município de Abaetetuba (apenas um aluno residia nas ilhas do Baixo Tocantins¹ do município, porém veio dar continuidade aos seus estudos na cidade). Verificou-se também que todos os alunos residem em bairros próximos à escola; considerados bairros periféricos da cidade, isto é, mais afastados do centro da cidade. Os referidos bairros apresentam problemas de iluminação pública saneamento, asfalto e entre outros.

Outro fator importante a ser analisado é o nível de escolaridade dos pais dos informantes em que os dados serão apresentados no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Grau de escolaridade



¹ As chamadas ilhas do Baixo Tocantins, especialmente as de Abaetetuba são trechos de terras formados por matas de várzeas, igapós e floresta de terras firme cercadas por uma densa rede hidrográfica de rios, igarapés e furos.

De acordo com dados² do gráfico, 50% dos pais possuem o ensino médio completo, enquanto 30% tem como nível de escolaridade o ensino médio incompleto e 20% situam-se entre os que possuem o ensino fundamental incompleto. Percebe-se dessa forma que nenhum dos pais têm nível superior alguns concluíram o ensino médio, já outros não terminaram o ensino fundamental. Sabe-se que a estrutura familiar e o nível de escolaridade dos pais tem uma grande importância no que diz respeito à influência na escolaridade dos filhos, isto é, no seu desempenho escolar, pois segundo Guerreiro-Casanova et al. (2011) mostram que o ambiente familiar é um fator importante que influencia na questão do nível educacional dos indivíduos no Brasil.

Em relação à profissão, de acordo com os relatos dos alunos, identificou-se que os pais exercem as seguintes profissões:

ALUNO	PROFISSÃO DOS PAIS
Aluno 1	Pai: Trabalha no hospital. Mãe: Doméstica.
Aluno 2	Pai: Técnico em segurança. Mãe: Doméstica.
Aluno 3	Pai: Desempregado. Mãe: Trabalha na farmácia.
Aluno 4	Pai: Eletricista. Mãe: Doméstica.
Aluno 5	Pai: Borracheiro. Mãe: Costureira.

Como podemos perceber, a maioria das mães trabalha com serviços domésticos³, já os pais trabalham em profissões distintas, como técnico, eletricista e borracheiro. De acordo com os dados, as profissões dos pais dos alunos estão ligadas ao nível de escolaridade, pois aqueles que concluíram o ensino médio atuam em profissões de nível técnico, já aqueles que não terminaram o ensino fundamental trabalham em profissões que possuem baixa remuneração e pouca valorização.

² Considerando que esta pesquisa entrevistou cinco alunos, os dados de escolaridade apresentados aqui fazem referência a cinco casais (pai e mãe).

³ Não se deixou claro se esse serviço doméstico refere-se à mãe que cuida da sua própria casa ou se exerce a função de empregada doméstica cuidando da casa de outra pessoa.

As profissões exercidas pelos pais dos alunos são consideradas em nossa sociedade como pertencentes à classe baixa, que menos possui poder aquisitivo e influência na sociedade, ou seja, possui um padrão de vida baixo em relação às outras camadas consideradas altas.

Sobre esse tema, João Batista Oliveira, presidente do Instituto Alfa e Beto (IAB) e também coautor do livro *Educação baseada em evidências: como saber o que funciona em educação* (IAB), declara que a renda e o nível educacional dos pais são fatores importantes para atestar as pesquisas, mas há muito mais por trás dessa questão. Segundo Oliveira (2015, p. 34) “A organização da família, seu clima afetivo, a socialização linguística e a aquisição de atitudes e motivações desde cedo são alguns dos mecanismos intrafamiliares relacionados ao sucesso escolar”.

De acordo com o autor, são diversos os fatores que influenciam na questão do sucesso escolar e do bom desempenho dos alunos, dentre eles a questão cultural e social, a organização familiar, bem como o incentivo dos pais e até mesmo socialização linguística. Dessa forma, a questão do meio social e familiar em que essas crianças vivem, são de grande influência na educação escolar.

Diante dos dados obtidos e analisados, conclui-se que esses alunos entrevistados pertencem a uma camada social considerada baixa, isto é, são alunos que tem uma vida humilde, eles vêm de um grupo social que possui menos poder aquisitivo na sociedade. Em relação à linguagem, esses alunos fazem uso de uma linguagem informal, ou seja, é uma linguagem simples.

5.2 Dificuldades na disciplina Língua Portuguesa

O segundo objetivo proposto, foi de apontar quais são as principais dificuldades que os alunos tinham em relação à disciplina Língua Portuguesa através das respostas, constatou-se que, das dificuldades apresentadas pelos alunos, as que mais se destacavam estão relacionadas à leitura e a escrita.

De acordo com o aluno 2, suas dificuldades são “aprender a ler e a escrever”, o aluno 3 também apresenta a mesma dificuldade “ler e escrever”. Diante da fala desses alunos, percebemos que o processo da leitura e da escrita ainda são considerados como difíceis, levando a entender que o processo de aprendizagem de ler e escrever são um processo doloroso para eles.

Sobre a escrita e a fala Vygotski (2001) afirma:

A escrita precisa ser apresentada a criança como um instrumento que tem uma função social: função de expressar ou comunicar, ideias e sentimentos, ou seja, é um equívoco pensar que o ensino dos aspectos técnicos da escrita para a criança permita-lhe aprender a escrever e ler conforme requer o uso da escrita nas diversas situações sociais em que é utilizada (VYGOTSKI, 2001, p. 156).

De acordo com o autor, o ensino da escrita deve ser apresentado e ensinado aos alunos como um instrumento que tenha uma função social e não apenas como algo a ser decorado, e sim como algo que eles irão utilizar para se comunicar, se expressar.

Nas falas dos alunos 4 e 5 percebe-se que o ensino de língua portuguesa está muito preso e voltado para a gramática normativa, voltada apenas para as regras da forma culta da língua, considerada como a variedade linguística que tem maior prestígio na sociedade, utilizada em documentos oficiais, artigos científicos entre outros. O aluno 4 diz que suas dificuldades são “aprender a escrever e gravar as regras”. Desta forma, esse aluno mostra que o ensino da disciplina está sendo ministrada por meio de uma metodologia considerada totalmente teórica, que se resume apenas em regras gramaticais.

O aluno 5 diz que suas dificuldades também estão relacionadas à gramática, ou seja, a forma como ela é ensinada, fato que pode ser comprovado por meio de seu relato “são mais nas palavras, muitas regras nelas e tem muitas palavras difíceis.” O aluno número 5, leva-nos a refletir que ele vê a disciplina língua portuguesa apenas como um conjunto de regras que devem ser estudadas e seguidas.

Para Ferreiro e Teberosky (1989), o grande problema da aprendizagem da leitura e da escrita está baseado nos métodos de ensino, pois a preocupação dos professores está direcionada para o método mais dinâmico, considerando essa eficácia a partir da maior quantidade de alunos alfabetizados com mais rapidez, não se preocupando com a qualidade dessa aprendizagem.

De acordo com os autores, os problemas e as dificuldades em relação à leitura e à escrita e a disciplina de língua portuguesa, de modo geral, é resultado de um ensino totalmente baseado na gramática normativa, isto é, os professores não buscam métodos criativos para ensinar de forma didática e prazerosa, pelo contrário suas preocupações são as de passar o assunto proposto, não se preocupando com a qualidade da aprendizagem dos alunos.

Diante disso, faz-se uma reflexão sobre processo de ensino da gramática, pois o estudo da mesma nas escolas vem se tornando preocupante devido ao ensino tradicional. Acredita-se que essa frequente dificuldade que os alunos apresentam na aprendizagem é o resultado de

muitas escolas e professores adotarem o método da gramática normativa, levando o aluno a pensar que ele deve memorizar as regras gramaticais e não aprender a usá-las de acordo com seu meio social.

De acordo com Maciel (2014):

O ensino tradicionalista acaba por perpetuar as práticas de preconceito linguístico, porque de certa forma exclui não só as formas linguísticas dos alunos, mas eles mesmos, pois passam a notar um grande distanciamento da sua fala com relação ao que lhe é ensinado em sala (MACIEL, 2014, p. 20).

Partindo do contexto do ensino tradicionalista, muitos alunos acreditam que devido a existências dessas regras gramaticais, tanto para a fala quanto para a escrita, surge neles à ideia de que existe uma só forma de falar, isto é, uma forma correta porém, cabe aos professores mostrarem que não existe uma região que fala mais certa que a outra ou que alguém fala mais certo que o outro, mas sim que existirão certos contextos que exigirão um grau de formalidade maior ou menor ao se comunicar com outras pessoas.

Diante das falas dos alunos, percebemos que a gramática e a escrita são vista por eles como um grande conjunto de regras e normas de como se deve escrever e esse é um dos vários motivos que leva o aluno a ter dificuldade em relação à disciplina língua portuguesa.

O mesmo motivo também pode contribuir para que o aluno crie barreira e até mesmo desprezo pela disciplina, fato que pode ser comprovado por meio das respostas dos alunos 1, 2 e 4, sobre a pergunta: O que você acha da aula de língua portuguesa? Segundo o aluno 1 “Aqui é mais ou menos boa, porque é um pouco difícil e também eu não me esforço um pouco para conseguir, porque eu não consigo me concentrar”. Diante da fala desse aluno, percebe-se que, por achar que a disciplina é um pouco difícil, ele não faz um esforço para tentar entender o assunto, perdendo dessa forma a concentração e o interesse na matéria.

Já o aluno 2 diz: “Eu acho ela um pouco difícil e complicado. Porque eu bagunço muito e não tem como conversar direito com a professora e é muito curto o tempo da aula dela”. Esse aluno acha a aula um pouco difícil embora afirme que é bagunceiro ele também acha que o tempo da aula é curto e atribui a esses motivos o fato de não ter como conversar com a professora, e por não ter a atenção, ele faz suas bagunças.

O aluno 4 afirma que a aula é “Um pouco chata, porque a gente tem que aprender muitas regras” novamente, esse aluno mostra que as aulas são baseadas no método de ensino tradicionalista. Diante das respostas dos alunos, a ideia de que eles criam uma barreira e desprezo pela disciplina é reforçado através de suas falas.

5.3 Crenças relacionadas ao ensino da Língua Portuguesa

O terceiro objetivo deste trabalho era identificar as crenças internalizadas pelos alunos, relacionadas ao ensino da disciplina língua portuguesa. Ao serem indagados sobre o que é saber português, o aluno 2 responde que saber português “É saber falar direito e as palavras certas” para o aluno 3: “É saber ler, falar direito e escrever direito” para o aluno 4: “Aprender a ler direito e escrever direito” e para o aluno 5: “É falar direito e escrever direito”.

Na observação das respostas, é perceptível a repetição da palavra “direito”. O uso constante desse termo pelos alunos é refletido sobre a internalização da crença de que existe uma única forma correta de escrever e falar na língua portuguesa e esse fato também evidencia que, para eles, o português é constituído de um conjunto de regras que deve ser seguida para então saber e dominar essa forma “direito”. O que configura uma segunda crença, a crença de que saber português é dominar as regras da gramática normativa.

Sobre a função da escola, Possenti (1996, p. 32) afirma: “(...) a função da escola é ensinar o padrão, em especial o escrito (...) na verdade, os grandes problemas escolares estão no domínio do texto não no da gramática”. De fato, a grande dificuldade dos alunos está relacionada tanto no domínio do texto quanto da gramática, em relação ao ensino da gramática, observa-se que a pretensão do ensino está voltada para a gramática puramente normativa, que por sua vez apresenta uma grande dificuldade em relação à aprendizagem dos alunos.

Sabemos que a língua portuguesa não é constituída apenas do português padrão, mas este é somente um dos dialetos que constituem o português, porém percebe-se que as crenças de que saber português é dominar todas as regras gramaticais e saber falar e escrever direito, acaba por causar certa “confusão” mental nos alunos que por vez sentem dificuldades de aprender essa disciplina.

5.4 Preconceito linguístico e discriminação

O quarto objetivo deste trabalho é o de investigar em que ambiente os alunos sofreram preconceito linguístico por falarem uma variante menos prestigiada. Sabe-se que o preconceito linguístico é algo muito notório em nossa sociedade isso devido muitos indivíduos considerarem sua maneira de falar superior a de outros grupos ou pessoas porém, sabe-se que em nosso país existem diversas variações e particularidades regionais.

Por meio da análise dos resultados, constatou-se que esse preconceito está presente no ambiente escolar e familiar desses alunos, mas muitos deles não têm noção do que seja o preconceito linguístico, de como ele ocorre e até mesmo não sabem o que seja discriminação.

A partir da pergunta: “Alguém já lhe corrigiu dizendo que você falou alguma palavra errada”? Todos os alunos responderam que sim, que em algum momento eles já foram corrigidos por alguém.

O aluno 1 fez o seguinte relato: “Cheguei em casa e falei assim: eu vou subir pra cima, aí a minha mãe me corrigiu”.

Já o aluno 2 relatou que: “Uma vez meu colega perguntou se eu tinha feito o trabalho e eu respondi, eu fiz o trabalho e ele me corrigiu e me senti constrangido”.

O aluno 3 relatou que: “Eu tava falando de um trabalho e falei: qual é o problema desse raio? Em vez de falar problema e meu colega me corrigiu dizendo que falei errado e que o certo era problema. Me senti com vergonha porque eles ficaram me zuando”.

O aluno 5 relatou que “Uma vez fui no dentista e falei pro meu primo que eu tava com o dente estagado ai ele me corrigiu, começou a rir de mim e ficou me caçoando e me senti muito magoado por isso”.

Diante das respostas dos alunos, constatou-se que eles são julgados pela sua maneira de falar e que essas atitudes preconceituosas são comuns em nosso cotidiano, como o simples ato de caçoar, rir e zombar das pessoas. Esses fatos podem ser afirmados por meio dos relatos dos alunos 3 e 5. Segundo os alunos, eles sentiram vergonha e além desse sentimento teve o sentimento de tristeza, pois foram constrangidos por meio de palavras e risos.

Quando alguém corrige alguma pessoa, a ideia do que é certo ou errado fixa na cabeça do indivíduo que foi corrigido muitos, por vezes, tentam se policiar ao falar algo, para não passar novamente por esse tipo de situação em que muitos se sentem envergonhados, constrangidos e tristes, como afirmam os alunos 3 e 5.

Devido sofrer com essa questão do que é certo e errado, muitos alunos sentem dificuldades de falar em público e até mesmo de apresentar trabalhos em sala de aula. Por serem vítimas de chacotas, por serem chamados de “burros”, essa variedade de preconceito impossibilita tal sujeito de se expressarem. Esse fato pode ser comprovado a partir da fala do aluno 5, sobre a dificuldade de falar em público e expor trabalhos o aluno respondeu: “Sim, tenho dificuldades porque existe muitas palavras difícil e tem vez que a gente enrola essas palavras e fica um pouco com vergonha”. Como afirma Calvet (2002), sentem medo de a sociedade ridicularizar sua forma de falar, sofrendo chacotas e sendo humilhados pelo seu próprio povo.

Ainda sobre a questão da oralidade, quando perguntado aos alunos se em algum momento eles já se sentiram discriminados ou excluídos pelo seu jeito de falar, os alunos 1, 2, 3, e 4 responderam que não e essas respostas revelam que eles não tem noção do que seja de fato a discriminação. É importante ressaltar que esses alunos que relataram nunca terem sentido algum tipo de discriminação, foram os mesmos que relataram o sentimento de vergonha, tristeza e confusão ao serem corrigidos isto nos levar a refletir que os entrevistados não têm percepção da discriminação que sofreram. Diante disso vale a pena ressaltar que, o preconceito linguístico, muitas vezes, é desconhecido pela população e quando conhecido, passa despercebido ou é ignorado pela maioria dos brasileiros (MACIEL, 2014)

Apenas o aluno 5 respondeu sim, que já se sentiu e que foi discriminado, fato que pode ser afirmado através do seu relato: “Quando fui morar pra Fortaleza, ai muita gente caçou da nossa fala e do nosso sotaque”. De acordo com a fala desse aluno, refletimos que o preconceito regional também está ligado ao preconceito linguístico e que o sotaque é um dos principais elementos da identidade cultural de um povo, pois todos nós carregamos características de nossa região em nossas marcas linguísticas o aluno ainda justifica porque ele sofreu essa discriminação “A gente tem um modo de falar diferente, a nossa voz, a nossa fala”.

Sobre a situação linguística presente no Brasil, Bagno (2003, p. 75) afirma que “Os brasileiros urbanos letrados não só discriminam o modo de falar de seus compatriotas analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos, como também discriminam o seu próprio modo de falar, as suas próprias variedades linguísticas.” De acordo com o autor, a discriminação e o preconceito linguísticos estão presentes em todas as camadas sociais, porém as que mais sofrem com essa prática são os sujeitos das camadas consideradas baixas e menos favorecidas, alunos entrevistados são discriminados e sofrem preconceito linguístico, no ambiente escolar e até mesmo no familiar, embora ainda não tenham consciência do que seja tal ato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para abordar o tema proposto o presente trabalho abordou em seus primeiros três capítulos a temática da variação linguística, seguido do preconceito linguístico e posteriormente crenças, com o objetivo de entender e mostrar a relação e importância entre elas. Após a abordagem desses temas o tópico da metodologia abordou os objetivos de pesquisa, especificando qual método utilizado, quais os participantes que fizeram parte da pesquisa, instrumentos utilizados e por fim os procedimentos de análise. Em seguida, o trabalho apresentou as análises dos dados obtidos na entrevista semiestruturada.

Portanto, esta pesquisa buscou-se identificar qual a origem social dos informantes, as dificuldades na disciplina Língua Portuguesa, as possíveis crenças relacionadas a disciplina e as manifestações de preconceito linguístico que os alunos sofrem na escola e fora dela por falarem uma variante considerada menos prestigiada.

Em relação à origem social, verificou-se que os entrevistados são oriundos da camada social menos favorecida da nossa sociedade, justamente, aquela que mais sofre com o preconceito linguístico, pois utiliza uma variedade linguística diferente daquela compreendida e essa prática se faz mais presente e infelizmente, vem se tornando cada vez mais comum.

Sobre as principais dificuldades encontradas na disciplina, os alunos relataram sentir dificuldades na leitura e na escrita alguns chegaram a citar que tinham dificuldades em gravar as regras da disciplina que, segundo eles, são muitas, acrescentando que existem muitas palavras difíceis. As dificuldades apresentadas pelos entrevistados mostram de fato a realidade de como é ensinada a disciplina nas nossas escolas, não somente a Língua Portuguesa, os métodos de ensino continuam sendo tradicionais.

Em relação às crenças identificadas na pesquisa, um número significativo de informantes acredita que é saber ler e escrever de forma correta, isto é, ter domínio das regras gramaticais para fazer o uso correto dessas duas modalidades. Esse resultado nos mostra que essa crença de que só existe uma forma correta que está ligada fortemente ao ensino da língua portuguesa voltada para as normas, isto é, devido nossas escolas apresentarem um ensino baseado no tradicionalismo gramatical e esse ensino torna mais vulnerável as diversas práticas de preconceito linguístico, pois ela se baseia no ensino da norma padrão a qual é tida como a única correta fator que menospreza as outras variantes.

Sobre discriminação, a maior parte dos entrevistados afirmou que nunca se sentiram discriminados pela sua forma de falar, porém, foram os mesmos que relataram que ao serem corrigidos por falarem alguma palavra considerada errada, tiveram o sentimento de vergonha

e tristeza. Isso traz à reflexão que tanto a pessoa que corrigiu e quanto a que foi corrigida não sabem que esse é um ato de discriminação, isto é, elas não têm a percepção de que corrigir em público ou até mesmo em seu ambiente familiar é uma manifestação de preconceito linguístico.

Por fim, é necessária “uma pedagogia que sensibilize crianças e jovens para a variação, de tal modo que possamos combater os estigmas linguísticos, a violência simbólica e as exclusões sociais e culturais fundadas na diferença linguística” (FARACO, 2008, p. 182). Diante dos resultados da análise, faz-se importante desconstruir essas crenças e construir novas atitudes por meio de práticas e métodos que possibilitem um meio de se ensinar língua materna de forma dinâmica.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, Jussara. **Entrevista som Maria Pereira Scherre sobre preconceito linguístico, variação linguística e ensino.** Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito Linguístico e cânone literário, n° 36, p. 11-26. 1 sem. 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/36/entrevistas.pdf>>. Acessado em: 12 de outubro de 2018.
- ALKIMIM, Tania Maria. **Sociolinguística.** Parte I. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). introdução à linguística: domínios e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, Marcos. **A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____, Marcos. **Nada na língua é por acaso: uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____, Marcos, 1961. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística.** 17. Ed. 3° reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.
- _____, Marcos. **Preconceito Linguístico.** 56° ed. Revista e ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. **Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas.** Revista Linguagem & Ensino, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2012.
- _____, A. M. F. **Desvelando a relação entre crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas, emoções e identidades.** In: GERHARDT, A. F. M.; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. (Org.). Linguística Aplicada e ensino: língua e literatura. Campinas: Pontes, 2013. p. 153-186
- _____, A. M. F. **Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas.** *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v7n2/06.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.
- BARONAS, Joyce Elaine de Almeida; MARQUES, Taciane Marcelle. **CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA SALA DE AULA.** ISSN: 1983-6988. Revista Linguagem, v. 24, n. 1, 2015.
- BOMFIM, Bernadette Barbara Sebastian Barga; CONCEIÇÃO, Mariney Pereira. **Crenças de aprendizagem de línguas e a formação reflexiva do professor.** Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 8, n. 1, p. 54-67, 2009.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em cada sílábica no Norte do Paraná.** 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

_____, J. O. M. **A importância dos estudos de crença e atitudes para a Sociolinguística.** (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. *SIGNUM: Estud. Ling.* n, 18/1, p. 102-131, Londrina, 2015

BRITO, Raquel. **Varição linguística: o que é, tipos, exemplos e exercícios.** Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/blog/2018/06/06/tipos-de-variacao-linguistica/>> Acessado em: 20 de ago. 2018.

CAMACHO, R. G. **Dois fases na aquisição de padrões linguísticos para adolescentes.** Dissertação de Mestrado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1978.

CALVET, Louis-Jean: **Sociolinguística: Uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002, 160p.

CARLOS, Eder Sabino. **Formalidade e informalidade.** Disponível em <<https://centraldefavoritos.com.br/2018/01/25/formalidade-e-informalidade/>>. Acesso em: 20 de ago. 2018.

CARVALHO (ORG.), Maria Cecília M. de. **Construindo o saber: Metodologia científica Fundamentos e técnicas.** 9.ed. São Paulo: Papirus, 2000.

CORBARI, C.C. **“Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR)”** *SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina*, n.15/1, p. 111-127, jun., 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luíz F. Lindley e. **Nova gramática do português contemporâneo.** 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de Linguística.** Trad. Frederico P. de Barros et al. Dir. e coord. ger. da trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1983.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica.** São Paulo: Ática, 1991.

_____, Carlos. A. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola, 2008.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GIÁCOMO, Henrique Azeredo. **De cara com o preconceito linguístico: os linguístas e a reação social ao reconhecimento da variação na escola.** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. (Linguística) – UFRS, Rio Grande do Sul, 2011.

- GUERREIRO-CASANOVA, C.; DANTAS, A.; AZZI, G. **Autoeficácia de alunos do ensino médio e nível de escolaridade dos pais**. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, v.2, n.1, pp. 36-55. 2011.
- KUDIESS, Elisabeth. **As crenças e os sistemas de crenças do professor de Inglês sobre o ensino e a aprendizagem da língua estrangeira no sul do Brasil: sistemas, origens e mudanças**. Revista Linguagem & Ensino, v. 8, n. 2, p. 39-96, 2012.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. – São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- _____. Sociolinguistic Patterns. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. **Modelos Sociolinguísticos. Madrid: ediciones Cátedra**. 1983. Tradución de José Miguel Herreras.
- _____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language variation and chang*, n.2, 1990, p. 205-254.
- _____. **Principles of linguistic Chang**. Internal factors. Oxford: Blackwel, 1994.
- LAGO, Neuda Alves do; SANTOS, Maria Aparecida Teles. **Análise de algumas crenças presentes no imaginário de alguns aprendizes de espanhol**. in: III Simpósio de Estudos de Línguas e Literaturas Estrangeiras, 2016. Anais. Goiás: UFG, 2017. 80-93.
- LAMBERT, W.W.; LAMBERT, W. E.L. “**A significação social das atitudes**” In: _____ Psicologia social. 5ª ed. Trad. D. Moreira. – Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1975. (p. 98-135).
- _____, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos**.. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992
- MACIEL, Lorraine de Souza. **O preconceito linguístico e sua relação com a aprendizagem de alunos do 7º ano**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. (Linguística) – Brasília, UniCEUB, 2014.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MORAIS, Mario Ribeiro. Crenças e atitudes linguísticas como ferramentas de ensino e de aprendizagem de língua portuguesa. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ix_jnlflp/completos/Cren%C3%A7as%20e%20atitudes%20lingu%C3%ADsticas%20-%20MARIO.pdf>. Acesso em 12 de agosto. 2018.
- NEVES, Flávia. Linguagem formal e informal. Disponível em: <<http://www.normaculta.com.br/linguagem-formal-e-informal/>> Acessado em: 20 de agosto de 2018.
- NUNES, Solange. **A variação linguística na linguagem oral e escrita**. O professor PDE e os desafios da escola publica paranaense. Volume I. Paraná, 2010.

OLIVEIRA, Gabriela Barreto de; SILVA, Edila Vianna da. **Varição linguística e ensino de português: crenças e atitudes**. Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF Estudos de Linguagem. Anais. Rio de Janeiro: UFF, 2017.

OLIVEIRA, Joao Batista Araujo. Educação baseada em evidencias. Disponível em: <http://www.alfaebeto.org.br/wp-content/uploads/2015/12/Instituto-Alfa-e-Beto_Educacao-Baseada-em-Evidencia_.pdf> Acesso em: 12 de agosto de 2018.

PEIRCE, C. S. **The fixation of belief**. In P. P. Weiner. (org.) *Charles S. Peirce: Selected writings*. New York: Dover, p. 91-112, 1877/1958.

PORELI, Greize Alves da Silva; YIDA, Vanessa; ANDRADE, Vanderci Aguilera de. **Crenças: considerações do alunado em relação ao ensino de Língua Portuguesa**. Entretextos, v. 10, n. 1, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Humores da língua**. Campinas: Mercado das Letras, 1997.

_____, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, São Paulo: ALD: Mercado de Letras, 1996.

_____, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 24 reimp. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

RIBEIRO, Josela Veber. **A variação linguística no ensino de língua portuguesa**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2014.

RIQUE, Itamara Jamilly Cavalcante. **Preconceito lingüístico: sociedade, escola e o ensino de português**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. (Linguística). Paraíba: UEPP, 2013.

SANTOS, E. **Certo ou errado?** Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Garphía, 1996.

SILVA, Ana Paula da; TEIXEIRA, Luciana. **Explorando demandas linguísticas em tarefas cognitivas de crenças falsas de 1ª ordem: um estudo experimental na aquisição do português brasileiro**. In: I Seminário Internacional de Aquisição da Linguagem, 2011. Anais. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

SILVA, Kleber Aparecido da et al. **Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (Inglês)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem Campinas, SP: Unicamp, 2005.

SILVA, Flávio Brandao; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas: o que pensam os alunos de Letras sobre o ensino de Língua Portuguesa**. p. 61-85, 2015.

SILVA, Debora. **Variações Linguísticas**. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/variacoes-linguisticas-diafasica-diatopica-diastratica-e-historica/amp/>> Acessado em: 20 de agosto de 2018.

SOBROZA, Lidiane Schlotefeldt. **Escola x língua padrão, ideologia e preconceito linguístico**. Linguagens & Cidadania, v. 9, n. 1, 2007.

QUEIROZ, Liomar C. **Conceitos lingüísticos fundamentais para a formação dos professores das séries iniciais (1ª à 4ª série) do 1º Grau**. In: XIII EPEN. Natal, 17 –20 jun. de 1997. Natal: EDUFRN, v.11, p.103-104, 1997 (Coleção EPEN)

VALENCIA, Sergio Eduardo. **O preconceito linguístico e os problemas da educação no brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. (Linguística) - Faculdades Integradas Hebraico Brasileira Renascença, São Paulo, 2008.

VYGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YERO, Judith Lloyd. *Teaching in mind: how teacher thinking shapes education*. 2nd edition, Hamilton, MT: Mind Flight Publishing, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

Questionário para realização das entrevistas

1. Qual a sua idade?
2. Sua família é do interior ou da cidade?
3. Qual o bairro que você mora?
4. Qual o nível de escolaridade de seus pais e profissão?
5. O que você acha da aula de língua portuguesa?
6. Quais são as suas dificuldades na disciplina?
7. Pra você o que é saber português?
8. Você tem dificuldades em falar em publico ou apresentar trabalhos? Se sim, porque?
9. Alguém já lhe corrigiu dizendo que você pronunciou alguma palavra considerada errada? Como você se sentiu?
10. Algum dia você já se sentiu discriminado pelo seu jeito de falar? Conte como aconteceu.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

1. QUAL SUA IDADE?	<p>Aluno 1: 13 anos Aluno 2: 13 anos Aluno 3: 12 anos Aluno 4: 15 anos Aluno 5: 15 anos</p>
2. SUA FAMÍLIA É DO INTERIOR OU DA CIDADE?	<p>Aluno 1: cidade Aluno 2: eu me considero da cidade. Aluno 3: da cidade Aluno 4: da cidade Aluno 5: do interior</p>
3. QUAL BAIRRO VOCE MORA?	<p>Aluno 1: condomínio rios Abaete - bosque Aluno 2: bairro Jarumã Aluno 3: Mutirão Aluno 4: Bosque Aluno 5: Bosque</p>
4. QUAL O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DE SEUS PAIS E PROFISSÃO?	<p>Aluno 1: Meu pai terminou o ensino médio e minha mãe, ela ainda não terminou o terceiro ano. Minha mãe é trabalho doméstico e meu pai trabalha no hospital. Aluno 2: Meu pai terminou o ensino médio e minha mãe também. Meu pai é técnico em segurança e minha mãe trabalha como trabalho doméstico. Aluno 3: Os dois tem ensino fundamental e médio completo. Meu pai ta desempregado e minha mãe trabalha na farmácia. Aluno 4: Minha mãe parou no primeiro e meu pai parou no segundo. Meu pai é eletricista e minha mãe é doméstica. Aluno 5: A minha mãe não terminou o fundamental e meu pai não terminou os estudos. Meu pai é borracheiro e minha mãe é costureira.</p>
5. O QUE VOCE ACHA DA AULA DE LINGUA PORTUGUESA? Aluno 1: mas porque tu acha difícil?	<p>Aluno 1: Aqui é mais ou menos boa, porque é um pouco difícil e também eu não... eu me esforço um pouco pra conseguir. Porque eu não consigo me concentrar. Aluno 2: eu acho ela um pouco difícil, complicado = porque eu bagunço muito e não tem como conversar direito com a professora e é muito curto tempo da aula dela. Aluno 3: É bom, porque não me adapto na aula dela, nunca interagi na aula dela, não sou bom porque não escrevo direito, não leio direito. Aluno 4: Um pouco chata, porque a gente tem que aprender muitas regras. Aluno 5: Eu acho meio complicado, porque existe muita regra.</p>
6. QUAIS SÃO AS SUAS DIFICULDADES NA DISCIPLINA? Aluno 1. Em relação as regras da gramática, você tem dificuldades?	<p>Aluno 1: Eu tenho dificuldade em prestar atenção que fica um monte de gente me coisando/tirando atenção. Mais ou menos não. Aluno 2: É pra aprender a escrever. Aluno 3: Ler e escrever. Aluno 4: Aprender a escrever e gravar as regras. Aluno 5: São mais as palavras, muitas regras nela, e tem muitas palavras difícil.</p>
7. PARA VOCE O QUE É	<p>Aluno 1: Saber português é saber a nossa língua, saber a nossa</p>

SABER PORTUGUES?	<p>vida.</p> <p>Aluno 2: É saber falar direito e as palavras certas.</p> <p>Aluno 3: É saber ler, falar direito, escrever direito.</p> <p>Aluno 4: Aprender a ler direito e escrever direito.</p> <p>Aluno 5: É falar direito e escrever direito.</p>
8. VOCE TEM DIFICULDADES DE FALAR EM PUBLICO OU DE APRESENTAR TRABALHO? SE SIM, POR QUÊ?	<p>Aluno 1: Algumas vezes eu tive dificuldades, mas ta até melhorando.</p> <p>Aluno 2: Sim, eu tenho vergonha.</p> <p>Aluno 3: Não</p> <p>Aluno 4: Tenho, muito. Eu tenho muita vergonha.</p> <p>Aluno 5: Sim, porque existe muitas palavras difíceis e tem vez que a gente enrola essas palavras e fica um pouco com vergonha.</p>
9. ALGUEM JÁ LHE CORRIGIU DIZENDO QUE VC FALOU ALGUMA PALAVRA ERRADA? COMO VOCE SE SENTIU?	<p>Aluno 1: Já, eu tava falando e cheguei em casa e falei assim: eu vou subir pra cima, ai a minha mãe me corrigiu, na escola não fui corrigido. Me senti: égua, é meio difícil isso.</p> <p>Aluno 2: Sim, uma vez meu colega perguntou se eu tinha feito o trabalho e eu respondi que eu fez o trabalho. Me senti constrangido.</p> <p>Aluno 3: já. Eu tava assim, falando de um trabalho e falei “qual é o problema desse raio” em vez de problema e meu colega me corrigiu dizendo que falei errado e que o certo era problema. Me senti com vergonha, porque eles ficaram me zuando.</p> <p>Aluno 4: Sim. Uma vez aconteceu a chacina em Belém e eu fui contar pros meus amigos a noticia e falei: olha mano aconteceu uma chachina em Belém e meu colega me corrigiu. Me senti um pouco constrangido.</p> <p>Aluno 5: Sim, uma vez eu fui no dentista e falei pro meu rimo que eu tava com o dente estagado. Ai ele começou a rir de mim e ficou me caçoando e me senti meio magoado por causa disso.</p>
10. ALGUM DIA VC JÁ SE SENTIU DISCRIMINADO OU EXCLUIDO PELO SEU JEITO DE FALAR? CONTE COMO ACONTECEU.	<p>Aluno 1: não.</p> <p>Aluno 2: não.</p> <p>Aluno 3: não</p> <p>Aluno 4: não.</p> <p>Aluno 5: Sim, quando fui morar pra Fortaleza, ai muita gente caçoou da nossa fala e nosso sotaque. A gente tem um modo de falar diferente, a nossa voz, a nossa fala.</p>